a ver entendidas e aceites por um
sto, a quem a dirigia enquanto obra
dela dependia, em última análise, a
, facto que não podia deixar de
discurso. É, por isso, a retórica da
"retórica do cativo", uma "retórica
ivos e do seu público, cativa, enfim,
nciliar dois objectivos inconciliáveis:
ue eram as de um livre-pensador,
o-as por detrás de uma conveniente

e Obra profética idealizada por
vimos, a *Representação*, é o exemplo
l como os homens, têm os seus
lmente diferentes daqueles que para
seus autores; e assim ficou o Padre
não pela grande Obra idealizada,
enidade nunca terá provavelmente
ela restou, ainda que sob forma
tinua, apesar de tudo, a merecer a
porque, se é certo que nela não
sa que nos emocionem e façam
do Soares[28] a propósito dos *Sermões*,
mos uma parte muito significativa
m estilo que, embora longe dos
erece, ainda assim, todo o interesse
ela eloquência, pela genialidade,
que sob uma forma necessariamente

NOTAS

* Inédito no Brasil e revisto para a presente publicação, este texto foi originalmente editado, em 2008, pela revista portuguesa *Românica*, nº. 17, dedicado ao Padre António Vieira. Ele retoma, desenvolvendo-o e aprofundando-o, o da comunicação apresentada, em 2003, no V Encontro da Associação de Lusitanistas Alemães, e publicada, em 2005, nas *Actas* do referido Encontro. Cf. Banza, 2005. [Nota do Organizador]

[1]*Sermões*, vol I, p. LVII.

[2]Catálogo Manuscrito da Ordem, de 1665, citado por Francisco Rodrigues, "O Padre António Vieira", p. 81 e nota 1.

[3]*Livro Anteprimeiro da História do Futuro*, p. 11.

[4]Ver José van den Besselaar, "António Vieira e sua *História do Futuro*", p. 20.

[5]"Carta a D. Rodrigo de Meneses", 1663, Dezembro 24, *Cartas*, vol. II, p. 19.

[6]Adma Muhana (Ver *Apologia das coisas profetizadas*. Lisboa: Edições Cotovia, 1994) defende que Vieira terá iniciado uma primeira tentativa de redacção de uma defesa escrita logo depois de ser chamado à Mesa da Inquisição, em 1663, posição que não acompanhamos pelos motivos expostos (ver Ana Paula Banza, *A Representação de Vieira*, Tomo I, pp. 138-156).

[7]Ver Ana Paula Banza, *A Representação de Vieira*, Tomo I, p. 156-166.

[8]"Sentença que no Tribunal do Santo Ofício de Coimbra se leu ao Padre António Vieira", p. 235.

[9]"Não quero ressuscitar com Lázaro, senão com a ressurreição universal do género humano...", Padre António Vieira, "Carta a D. Rodrigo de Meneses" (14 de Janeiro de 1664), *Cartas*, vol. II, p. 26.

[10]Padre António Vieira, "Carta ao Duque do Cadaval" (16 de Janeiro de 1668), *Cartas*, vol. II, p. 265.

[11]No período de 1663 a 1668, registam-se apenas dois sermões: o "Sermão de S. Catarina", em 1663, provavelmente antes de ser chamado à Mesa, e o "Sermão Histórico e Panegírico Anos da Rainha", em 1668, que não chegou a ser pregado. Ver Margarida Vieira Mendes, *A Oratória Barroca de Vieira*, p. 556.

[12]Obra escrita, em 1664, para servir de introdução à *História do Futuro*, explicando-lhe os fundamentos.

[13]José van den Besselaar, *Livro anteprimeiro da História do Futuro*, p. 15.

[14]Esta obra, escrita em Latim, constitui uma derradeira tentativa de reformulação da teoria "Quinto Imperial" de Vieira, adaptando-a aos factos recentes (Ver Ana Paula Banza, *A Representação de Vieira*, tomo I, p. 166-168). Tal